

I FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA

14 E 15 DE MAIO DE 1999 - HOTEL EDUARDO VII

*ÉTICA: EM BUSCA DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL*

Associação de Musicoterapia do Paraná - AMT/ PR
Curitiba - 1999

I FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA

14 E 15 DE MAIO DE 1999 - HOTEL EDUARDO VII

*ÉTICA: EM BUSCA DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL*

Associação de Musicoterapia do Paraná - AMT/ PR
Curitiba - 1999

AMT - PR

EQUIPE INTER-AÇÃO

1998/2000

DIRETORIA

Presidente: Sheila Beggiato Volpi
Vice-Presidente: Christina Marta Tozzo
1ª Secretária: Clara Márcia Piazzetta
1ª Tesoureira: Suzana Margot Brunhara
2ª Tesoureira: Gyslene Cecília Oliveira

DEPARTAMENTOS

Científico: Márcia M. Stival/ Ana Paula Belotto
Lidiane Fontana
Divulgação: Claudimara Zanchetta
Fabiane Alonso Sakai
Sócio-Cultural: Marco Aurelio
Marques

SUMÁRIO

Abertura do I Fórum Paranaense de Musicoterapia

A Escuta do Silêncio em Musicoterapia

Ética e Identidade na Prática Clínica

A Música como Tônica da Identidade do Musicoterapeuta

Ética e Identidade Profissional

O Papel Profissional do Musicoterapeuta frente as transformações no

Mundo do Trabalho

Do Aluno ao Profissional : “A Composição do Musicoterapeuta”

Abertura do I Fórum Paranaense de Musicoterapia

ÉTICA :EM BUSCA DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

HOTEL EDUARDO VII
CURITIBA, 14 DE MAIO DE 1999.

MT. Sheila Beggiato Volpi

Boa noite. É com muita satisfação e alegria que a Associação de Musicoterapia do Paraná recebe a todos os presentes para este I Fórum Paranaense de Musicoterapia.

Quando a Equipe Inter-ação, da AMT-PR, começou a conversar sobre o Fórum, muitas idéias afloraram. Mas sem dúvida nenhuma, foi unânime a aceitação do tema ÉTICA. A algum tempo já vínhamos discutindo, em nossas reuniões semanais da Diretoria, fatos, percepções, questões profissionais e acadêmicas, que percebemos, rodeava sempre em torno de um mesmo assunto: Ética. Aí pensamos: - um bom tema para o fórum, mas será que já não está meio desgastando o assunto. Parece que hoje todo mundo fala em ética. Mas será que nós éramos todo mundo ? Não, sem dúvida nenhuma, nós musicoterapeutas paranaenses ainda não havíamos conversado abertamente sobre isto, nunca tínhamos discutido em grupos maiores esta questão. Cabia sim, falarmos de ética. Não só hoje, mas sempre.

Mas e a questão da identidade ? Nós musicoterapeutas e estudantes de musicoterapia estamos certamente buscando a cada dia, a cada ano, firmar nosso trabalho, ampliar nossa prática, enriquecer nossos conhecimentos, justificar nosso trabalho, explicar o que fazemos, diferenciarmo-nos de outros profissionais. Mas afinal, quem somos nós ? O que fazemos ? Como fazemos ? O que nos identifica ?

Eu acredito profundamente que nós já temos um identidade profissional. A nossa ferramenta de trabalho é muito clara: é a música. E como nos propomos a utilizá-la ? Em benefício do ser humano, ajudando-o em suas necessidades e proporcionando um crescimento pessoal. Temos um jeito próprio para fazer isto ? Sim, temos um jeito próprio e também estamos construindo um corpo teórico que sustenta-nos e permite-nos entender o que se passa nesta relação musical terapêutica .

Para que este fórum seja realmente um momento de crescimento para todos nós, e que valham as horas que passarmos aqui, hoje e

amanhã, faz-se necessário que todos participem. A idéia do fórum é que ele seja uma grande arena, entendida como lugar de debate, campo de discussão. Coloquemo-nos sem receio, expressemos nossa opinião e eu proponho que façamos um treinamento comunicacional, falando e ouvindo os outros, da mesma maneira que nos dispomos a ouvir o nosso paciente.

Para encerrar, gostaria de chamar a atenção a um texto colocado em suas pastas. Pensemos nele, como a construção de nossa carreira. Como eu planejo o que vou construir, que materiais e ferramentas vou precisar para isto, como devo executar. Do meu empenho, depende todo o resultado final.

Teremos agora, a apresentação musical, com o BOSSA NOSSA TRIO. O Bossa Nossa é um grupo curitibano, formado por Rui de Carvalho, Renato Bigarelli e Marcelo Pereira Borghi. O Trio acaba de lançar seu 1º CD, NOSSA CARA, com composições próprias, no dia 30 de abril. Este CD encontra-se a venda aqui no Fórum.

Após a apresentação musical de abertura do Fórum, teremos a palestra com a musicoterapeuta MARLY CHAGAS. E após o encerramento do debate, convidamos a todos para uma pequena e modesta confraternização que realizaremos aqui no hotel, aos fundos deste auditório.

Gostaríamos de agradecer o apoio de:

- Girassol Papelarias
- Livrarias do Eleotério
- Banco Real
- Classe Musical Eventos Artísticos
- UBAM
- Bossa Nossa Trio
- Coral de MPB da UFPR

E eu gostaria de agradecer muito especialmente a toda equipe Inter-Ação, pelo seu esforço, dedicação e trabalho.

Na pasta que vocês receberam há um texto que eu gostaria que vocês lessem e refletissem, com o pensamento voltado a nossa carreira profissional.

Obrigada pela presença de todos e sejam bem vindos !

O dono da empresa sentiu em saber que perderia um de seus melhores empregados e pediu a ele que construísse uma última casa como um favor especial. O carpinteiro consentiu, mas com o tempo era fácil ver que os seus

pensamentos e seu coração não estavam no trabalho. Ele não se empenhou no serviço e se utilizou de mão-de-obra e matérias-primas de qualidade inferior. Foi uma maneira lamentável de encerrar sua carreira.

Quando o carpinteiro terminou o seu trabalho, o construtor veio inspecionar a casa e entregou a chave da porta ao carpinteiro. "Esta é a sua casa", ele disse, "meu presente a você". Que choque! Que vergonha! Se ele soubesse que estava construindo sua própria casa, teria feito completamente diferente, não teria sido tão relaxado. Agora ele teria de morar numa casa feita de qualquer maneira.

Assim acontece conosco. Nós construímos nossas vidas de maneira distraída, reagindo mais do que agindo, desejando colocar menos do que o melhor. Nos assuntos importantes nós não empenhamos nosso melhor esforço. Então, em choque, nos olhamos para a situação que criamos e vemos que estamos morando na casa que construímos. Se soubéssemos disso, teríamos feito diferente.

Pense em você como carpinteiro. Pense sobre sua casa. Cada dia você martela um prego novo, coloca uma armação ou levanta uma parede. Construa sabiamente.

É a única vida que você construirá. Mesmo que você tenha somente mais um dia de vida, este dia merece ser vivido graciosamente e com dignidade.

A placa na parede está escrito: "A vida é um projeto, e faça você mesmo".

Quem poderia dizer isso mais claramente? Sua vida de hoje é o resultado de suas atitudes e escolhas feitas no passado. Sua vida de amanhã será o resultado de suas atitudes e escolhas que fizer hoje".

A ESCUTA DO SILÊNCIO EM MUSICOTERAPIA

MT. Clara Márcia Piazzetta

Introdução:

Este trabalho, é resultado de reflexões sobre a minha prática clínica musicoterápica, em consultório, com neuróticos. A partir da utilização de técnicas musicoterápicas de Improvisação Musical (livre e dirigida), e da Recriação musical, levanto aspectos que considero importantes no processo musicoterápico. Dentre estes, o lugar que a música ocupa e a música como linguagem, enfocando o silêncio e sua importância dentro da teoria da comunicação apresentada por Jakobson (apud Costa 1989 e Mattos 1998), e dentro de toda comunicação que se estabeleça entre terapeuta e paciente. Não pretendo esgotar o assunto, mas sim, levantar questões para serem discutidas e aprofundadas.

1 - Do Silêncio ao som e à Música.

Todo o pensamento formador do trabalho musicoterápico passa indiscutivelmente pela reflexão da utilização, como linguagem terapêutica, de dois elementos básicos: O som e a música. Proponho aqui que se possa escutar também, com a mesma atenção, uma parte inerente tanto a estes elementos quanto a toda forma de linguagem: o silêncio.

Partindo da relação SOM – SILÊNCIO encontramos, que ambos estão intimamente ligados, numa correlação necessária para definir-se, como nos fala Wisnik (1989) (em seu livro O Som e o Sentido): “O som é formado de um sinal que se apresenta e de uma ausência que pontua. Sem esses lapsos o som não pode durar nem sequer começar”. “Não há som sem pausa ... O som é presença e ausência e está ...permeado de silêncio”. “Nenhum som teme o silêncio que o extingue”. “O som (musical) é um traço entre o silêncio e o ruído.” Jourdain (1998) (em seu livro Música Cérebro e Extase) também nos apresenta o silêncio como a ausência de som.

Para a física, o som é uma onda vibratória. Para a filosofia “o som é algo que uma mente faz”, e para a psicologia ele é “uma espécie de experiência que o cérebro extrai do seu meio ambiente. Onde

o físico encontra a energia o psicólogo encontra informações". (Jourdain, 1998)

O silêncio por sua vez, além de estar relacionado à definições do SOM, apresentadas acima, é assunto para a lingüística e para a psicanálise. Dentro da psicanálise é tratado com certo respeito principalmente pelos efeitos emocionais do mesmo, tanto o silêncio do psicanalista quanto o silêncio do paciente. Sobre o último, referem-se a ele como uma forma de resistência ao processo ou como "pausas ocasionais do paciente" segundo Juan, 1987. Pausas estas, que são colocadas como uma forma de poder que "torna transparente os pequenos nada da conversação e possui uma força que arrasta o paciente e o faz progredir, e o empurra para profundezas maiores do que havia visualizado." Dentro da lingüística está associado à função metalingüística e ao aspecto referencial conotativo da linguagem não verbal, conforme nos fala Orlandi (1995) (em seu livro *As Formas de Silêncio*): "O silêncio é assim fundante – o silêncio é a matéria de significante por excelência, um continuum significante. O real do significado é o silêncio é o real do discurso. O silêncio é . Ele significa... no silêncio o sentido é."

*Trabalho apresentado no I Fórum Paranaense de Musicoterapia 06/99

Partindo da sala de musicoterapia idealizada por Benezon e citada por Barcellos em seu caderno nº 4 temos: uma sala (com dimensões regulares) com poucos estímulos para que apenas os estímulos sonoros mereçam atenção. O chão preferencialmente de madeira para transmitir mais facilmente as vibrações. Se pudesse-mos isolar esta sala dos ruídos externos, teríamos um espaço preenchido por um grande silêncio a espera de algum som, musical ou não, para preenche-lo.

Se pensarmos agora em "modelos particulares de sons, aqueles produzidos apenas por vibrações de certas formas simples", (Jourdain,1998) teremos um Tom musical. Esses dificilmente ocorrem naturalmente na natureza, eles precisam ser produzidos. Com isso suas características (timbre) variam de acordo com o material que o gerou. Se usarmos esses sons de modo organizado em seqüências harmônicas teremos uma escala musical com a qual construímos as melodias que por sua vez trazem junto uma harmonia que se completa com notas específicas de baixo. A esse conjunto executado simultaneamente chamamos MÚSICA . Costa (1989) nos apresenta que a principal diferença entre a fala e a música, é que a linguagem verbal é horizontal, possuindo somente o aspecto melódico, enquanto que a música se caracteriza por admitir, e até

mesmo exigir, a verticalidade, ou seja, a harmonia, tendo a música portanto, muito maior riqueza expressiva.

“O mundo é barulho e é silêncio. A música extrai do ruído num sacrifício cruento, para poder articular o barulho e o silêncio do mundo.”(Wisnik, 1989 p.32)

No trabalho musicoterápico oferecemos ao paciente um recurso palpável de construir-se e reconstruir-se “com” o fazer sonoro musical e “no” fazer sonoro musical. Ele (paciente) percorre um caminho único de buscas articulando e harmonizando em meio a muito silêncio e som sua composição.

2- Silêncio; Comunicação; Música como linguagem.

Tratando mais diretamente da linguagem , proponho aqui aprofundar a escuta do silêncio na comunicação não apenas como um lugar onde nada acontece, onde a ausência de sons signifique um isolamento da pessoa, mas sim proponho a escuta de um silêncio sob um aspecto psicológico uma vez que “para compreender a linguagem é preciso entender o silêncio para além de sua dimensão política.”

(Orlandi,1995 p. 31) Ou seja: da opressão.

Orlandi, (1995) em seu livro, O silêncio em Psicanálise considera que:

“O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação um lugar de recuo necessário para que possa significar, para que o sentido faça sentido. O silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.” (p. 13)

O termo fundante usado por Orlandi e citado anteriormente, “não significa aqui “originário” , nem o lugar do sentido absoluto. Nem tão pouco que haveria, no silêncio, um sentido independente, auto-suficiente, pre-existente. Significa que o silêncio é garantia do movimento de sentidos.... Ele é, sim a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do “um” com o “múltiplo”. Isabelle Frohne

afirma que a musicoterapia aplicada à pessoas neuróticas “teria a função de preparar e aprofundar o trabalho terapêutico orientado para o conflito... Pacientes neuróticos podem entrar na escuridão e no vazio, os conflitos podem vir a tona e a ansiedade ser despertada...”(apud Ruud 1991)

“Estar no sentido com as palavras e estar no sentido em silêncio são coisas diferentes entre si. E isto faz parte da nossa forma de significar de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas e com as

peças.”(Orlandi p.24) Da mesma forma, acredito que musicoterapeuta e paciente estarem imersos, “com” um fazer sonoro musical esteja relacionado ao “estar no sentido em silêncio”, que tem um sentido diferente estarem imersos “no” fazer sonoro musical, que está relacionado ao “estar no sentido com as palavras”. Ambos proporcionam à medida do fazer sonoro compartilhado entre paciente e musicoterapeuta uma experiência onde, “somos puxados para fora de nós mesmos” (Barcellos 1992) no processo musicoterápico do paciente.

Trabalhando dentro da teoria da comunicação, alguns musicoterapeutas já traçaram paralelos para que a estrutura musical seja

também uma forma de linguagem e assim comunicação.

Costa 1989, afirma que “a música exerce uma função terapêutica por se constituir em uma linguagem, e não pelos efeitos do som sobre o organismo ... humano. O ‘fazer música’ constitui-se em um trinômio _ ação/relação/comunicação intrinsecamente organizados...”(apud Barcellos e Santos p. 12). Continuando com Costa ela traz que segundo Jakobson, “todo ato de comunicação verbal “requer um contexto a que se refere... função referencial” além de outras funções da linguagem que são:

- “ Expressiva ou emotiva- em que a atividade comunicacional está centrada no emissor;
- Apelativa – centrada no emissor.
- Conotativa ou referencial – centrada no referente.
- Poética ou estética – na mensagem em si.
- Metalingüística – no próprio código utilizado”(Costa p. 64).

Mattos (1998) apresenta esta aparelhagem comunicacional de Jakobson associada ao “setting” musicoterápico como:

- “O Código/ Função metalingüística - relacionada ao musical.
- O Canal/Função Fática - relacionada aos instrumentos musicais e a voz.
- A Mensagem/ Função Poética relacionada ao sonoro”.

Na operacionalização deste sistema no, setting musicoterápico, ele segue:

- “ O Emissor / Paciente detém a função Emotiva.
- O Receptor/ Terapeuta detém a função Apelativa.
- A bagagem sonoro musical que circula entre os dois é o Referente ou a função conotativa referencial.”

Acredito que esta última, a função referencial (significados) seja a mais delicada de se abordar principalmente por se tratar a música uma forma de linguagem analógica, ou seja sem um par significante-significado denotativos.

O termo Musicante apresentado por Guiraud-Caladou e trazido por Costa (p. 65) nos fala que: “o significado da música é a expressão de afetos conotados e não denominados . O par do musicante seria conotativo de relações de afetos e a significação musical seria de ordem emocional”. Esta conceitualização ajuda a defender a utilização da música como linguagem, mas é suficiente para entendermos ela como linguagem terapêutica?

Fazendo um paralelo entre as duas formas de utilização dos instrumentos musicais no setting musicoterápico abordadas acima, e os aspectos conotativos (linguagem analógica) e denotativos (linguagem digital) da teoria da comunicação, podemos colocar que:

- Os instrumentos musicais “com” o fazer sonoro musical do paciente, ou seja: quando os instrumentos musicais são utilizados não por terem uma representação simbólica específica, mas por terem outras razões nem sempre expressas, que podem ser: sua sonoridade ou gosto em tocar. Estes instrumentos então, são utilizados na construção do musical, existindo assim, uma entrega, um colocar-se diante da produção musical compartilhada com o musicoterapeuta expressando assim suas experiências subjetivas, sob um aspecto conotativo que não é a razão da música existir. “A música não é a causa de sentimentos, mas a expressão.” Langer (apud Mattos 1998)- Musicante.(Linguagem Analógica)
- Os instrumentos musicais “no” fazer sonoro musical do paciente ou seja: como um “objeto intermediário”, adaptado por Benenson. Aqui temos que estes representam pessoas e ou situações . Através da experiência revivida, em segurança, o paciente pode identificar melhor seus sentimentos e emoções, para então decidir melhor o que fazer. “Os instrumentos frequentemente simbolizam pessoas e os processos musicais simbolizam as relações.” (Smeijsters, 1997) (Linguagem Digital)

Retomando a compreensão do silêncio dentro deste aparato comunicacional Orlandi (1995) nos fala que “há silêncio nas

palavras (há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido). Elas são atravessadas de silêncio, elas produzem silêncio. O silêncio fala por elas, elas silenciam..."Continuando, esse pensamento e por estarmos falando de comunicação dentro de um processo terapêutico; dentro de uma relação de ajuda, ou seja, por termos na relação o ponto central da comunicação, Watzlawick nos fala que a "linguagem digital é quase anódina (pouco significativa) e que confiamos quase exclusivamente na linguagem analógica."(apud Costa)Logo o processo musicoterápico encarado sob as duas formas levantadas acima, reúne aspectos bastante significativos para o desenvolvimento de trabalho terapêutico, por utilizar como meio de comunicação e expressão a música que igualmente apresenta muitos silêncios em suas execuções com fermatas ou mais diretamente com suas pausas; e de uma maneira mais sutil por remeter seu executante à um estado de sentidos e a 'viagens' por caminhos solitários e silenciosos (silêncio enquanto fundante e significativa) . Esta "solidão remete o indivíduo ao centro de seu destino incerto e desconhecido."(Feres 1996, p.33).

3. Música e Musicoterapia.

Ken Aigen e Barbara Hesser (apud Mattos,1998) trazem dentro do desenvolvimento da teoria da musicoterapia posições sobre a natureza da música:

- Emotivistas: O caráter emocional de uma obra é aquele trazido pelo receptor.
- Referencialistas: A música faz referência a fatores externos.
- Expressionistas: As respostas por parte dos receptores são importantes componentes do significado musical.
- Cognitivistas: O caráter emocional da obra dependerá das propriedades da própria obra.
- Absolutistas: A música faz referência a ela própria.
- Formalistas: O significado da música é primeiramente intelectual.

Temos então algumas questões que nos levam a acreditar que a construção sonora musical de uma sessão musicoterápica comunica muito mais do que possamos pretender denominar .Seguindo com a busca do significado, cabe ao paciente permitir-se encontrá-lo, não é a música a detentora desta resposta , mas sim o paciente que a busca e a busca em si mesmo.

4- Processo Musicoterápico.

O paciente e os instrumentos musicais na sessão:

- Cada paciente é *único* e por tanto estabelece suas próprias relações com o instrumental.
- O paciente está *ciente de seus atos*: "...todos os aspectos da experiência do homem não lhe são igualmente disponíveis, mas que seja qual for o grau de consciência, o conhecimento é uma parte essencial de sua existência."(Bugental, 1963 apud Ruud, 1990 p.66)
- O paciente tem *uma escolha* : "Enquanto o homem está consciente, ele percebe que suas escolhas são importantes no fluxo de seu conhecimento e que ele não é um espectador mas um participante da experiência. Capacidade de auto modificação." (Bugental, 1963 apud Ruud 1990 p. 66.)
- O paciente tem *uma intenção* : "O homem intenciona tendo objetivos, avaliando, criando e reconhecendo a intenção. Afirma-se que a intencionalidade do homem é a base na qual ele constrói sua identidade."(Bugental, 1963 apud Ruud 1990 p. 66.)

5- Conclusão.

Dentro do que podemos compreender por **Processo Musicoterápico** precisamos ter em mente **o papel e o lugar que damos à música, ou ao fazer musical com suas pausas e ao silêncio enquanto fundante e significativo ao qual o paciente se insere.** Certamente não é possível visualizar inteiramente a relação que o paciente estabelece com a música principalmente por esta relação acontecer no íntimo deste paciente e nem sempre é permitido ao terapeuta entrar. Contudo, **o compartilhar musical, ou o construir juntos este musical** é o caminho que leva este paciente ao encontro de si mesmo, no desenvolvimento do processo musicoterápico.

Percebo, que para existir um compartilhar musical, é fundamental a existência do silêncio, que permeia uma escolha instrumental, uma

escolha sonora. . Silêncio do musicoterapeuta que assim propicia mais continente e menos angústia ao paciente por ele musicoterapeuta não resistir à pressão do silêncio. Considero uma forma de resistência, dentro do processo musicoterápico, o uso prolongado da linguagem verbal, no entanto o contrato terapêutico e suas atualizações dentro do processo soam como descansos necessários, pausas para o início de uma nova etapa, ou simplesmente um contemplar de onde se está.

Acredito que nós musicoterapeutas temos muito mais que energia e informações para utilizar em nosso trabalho clínico com os SONS, O SILÊNCIO E A MÚSICA. Temos certamente um recurso concreto para auxiliar na transformação de uma pessoa que então se comunicará melhor com seu meio e aprenderá mais com a permissão e a escuta de silêncios em sua vida.

BIBLIOGRAFIA

- 1- COSTA, Clarice Moura. O Despertar para o outro – Musicoterapia. Summus, São Paulo, 1989
- 2- JOURDAIN, Robert. Música, Cérebro e Êxtase – Como a música captura nossa imaginação. Objetiva, Rio de Janeiro, 1998.
- 3- JUAN, David Nasio. O silêncio em Psicanálise. Papyrus, São Paulo, 1987.
- 4- MATTOS, André Brandalise. Apostila do curso de Musicoterapia apresentado em Curitiba 1998.
- 5- ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do Silêncio – No movimento dos sentidos. 3º ed. Unicamp, Campinas, 1995.
- 6- RUUD, Even. Caminhos da Musicoterapia. Summus, São Paulo, 1990.
- 7- WISNIK, José Miguel. O som e o Sentido – Uma outra história das músicas. Companhia das Letras: Círculo do Livro, São Paulo, 1989.

Mesa Redonda: ÉTICA E IDENTIDADE NA PRÁTICA CLÍNICA

MT. Fabiane Alonso Sakai

A ética é o estudo do agir do homem, assim, a ética na prática clínica é o agir do profissional. Sua conduta, princípios e responsabilidades enquanto profissional.

Para se falar no agir e na identidade profissional, primeiramente, deve-se falar da identidade pessoal. A identidade pessoal (ética pessoal), dá a base para a formação da identidade do profissional antes até mesmo, da sua formação profissional. Quem é esta pessoa, quais seus valores, quais suas crenças, qual sua formação (educação familiar e profissional)? Estes aspectos é que vão direcionar o agir do indivíduo, suas reações, o como faz as coisas, suas decisões, o olhar a vida, ... Por isso a necessidade de do profissional conhecer suas limitações pessoais para desempenhar um trabalho com qualidade.

Tendo-se esse referencial pode-se voltar a falar da ética na prática profissional. Cada profissional será único e deve ter como objetivo da sua prática a saúde e o bem estar do indivíduo, ciente das responsabilidades que dizem respeito as questões básicas com as quais se depara rotineiramente na sua prática, as quais são orientadas no seu código de ética.

Enquanto profissional não se tem só responsabilidades e deveres, tem-se também, o direito de respeito aos seus próprios valores, desde que enquanto profissional respeite também os valores do outro, pois como dito anteriormente, este forma parte da identidade do indivíduo.

Por isso, pare para refletir estas palavras.

“Os sons sempre atingiram o ser humano de forma diferente. Eles refletem nossa personalidade, nossos valores. Se você atacar a opinião política de alguém, corre o risco de ser chamado de tolo; no entanto, se investir contra seu gosto musical corre o risco de ganhar um inimigo.”
????

JOURDAIN

Este pensamento direciona o assunto para nossa profissão de musicoterapeuta, fazendo pensar no respeito que temos que ter com a “música” do outro, ou seja, com seus valores, crenças, posturas e agir.

Apesar da ética ser mutável e da terapia ser um espaço para mudança, deve-se apenas abrir espaço para o novo. Pensem nisto.

Concluindo, penso que para existir uma ética na identidade da prática clínica é preciso ter uma organização profissional em classe e com um código de ética que guie o seu exercício profissional, pois não sendo assim, é difícil esperar procedimentos ético e moral de indivíduos que tem a mesma formação acadêmica, porém formação pessoal tão distinta, e de se igualar condutas que preservem a instituição, paciente, comunidade e o bom nível de desempenho profissional.

BIBLIOGRAFIA

JOURDAIN, Música, cérebro e êxtase.

Código de Ética do profissional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional;

Código de Ética Médica;

Texto: Um olhar estético sobre a ética do Boletim Nr 7 AMT-PR de Estela Mari da Silva

A MÚSICA COMO TÔNICA DA IDENTIDADE DO MUSICOTERAPEUTA

MT. Maria Thereza de Meira Albach

“Estamos mergulhados em um Universo duplo:

- o das coisas reais (possíveis de manipulações motoras)
- o das imagens, símbolos e signos (submetidas a manipulações fictícias ou mentais)”

Abrimos com esta colocação de Jean Paulus, em seu livro: A Função Simbólica e a Linguagem, para que direcionemos nossa reflexão sobre a Música como Tônica da nossa Identidade ou seja, do Musicoterapeuta, a fim de a situarmos como um sistema simbólico, porém, subjetivo. Seu significante é pessoal, único e intransferível.

Assim, o profissional que tem como tônica algo que opera sobre construções subjetivas, deve Ter consciência das dificuldades tanto consigo próprio, como com a continuidade em que vive e trabalha, para se fazer reconhecido.

Quando falamos em Musicoterapia, nos diz Benenzon, falamos de “Comunicação”.

Quando falamos de Identidade, falamos de Comunicação em duas vias; consigo próprio e com os outros, refletimos nós...

Como lidarmos com esse desenvolvimento, o mundo dos símbolos e o fator Comunicação?

Qualquer forma de comunicação conta com a sensorialidade em primeiro lugar. E, só se completa quando suas apreensões são lidas e elaboradas pela mente.

Portanto: Comunicação = Sensação percepção Interpretação

Sabemos que assim se processo o princípio básico de toda linguagem. Para nós, música é linguagem musical e, sua comunicação está implícita a esse princípio básico.

Tudo o que pensamos possui ideação, assim, toda idéia traz consigo imagens.

Que imagens atribuímos à colocação da música como tônica da identidade do musicoterapeuta?

Segundo o mesmo Jean Paulus, já citado, o mecanismo mental passa pelo impulso instintivo-afetivo, pelo compromisso emotivo e pelo uso refletido e inteligente – dos símbolos.

A lógica organiza as seqüências de julgamentos em raciocínios, com duas direções possíveis:

- pensamentos objetivo e racional, governado pelo princípio da realidade
- pensamento subjetivo e passional, submetido ao princípio do prazer

Pensando: constata-se.

Introjetando: assume-se.

Dominados pelo princípio do prazer, nos alienamos.

Dominados pelo princípio da realidade, nos tornamos imbecis.

Bernanos ao esclarecer sobre o princípio da realidade, onde pode-se exorbitar da intelectualidade, diz: "O "intelectual é tão freqüentemente um imbecil que se devia torná-lo por tal, enquanto não prove o contrário".

O que se quer dizer é que a identidade de um profissional não se faz espontaneamente. Ela se constrói através de suas manipulações e aquisições objetivas e subjetivas.

Equilibrando os dois princípios citados, está o princípio do dever. Nos dizem que o musicoterapeuta deve ser músico.

Como interpretar? Tentemos através do quadro que se segue, o qual foi montado, partindo de nossas reflexões sobre o que nos expõem estudiosos como Benenzon, Even Ruud, Mônica Papalía, e...

Músico	Musicoterapeuta
Ama sua Arte	Ama a música
Faz música	Faz música
Objetivos:	Objetivos:
◆ Ser artista	◆ Aliar música à terapia
◆ Comunicar-se com o público	• responder sobre a eficácia da música e sua transmissão
	• Comunicar-se com o paciente/ cliente
Competência:	Competência:
• Habilidade Musical	• Habilidade Musical
	• Especialidade Clínica

Amar a música, fazer música, que música?

Também é uma resposta muito pessoal pois, sabemos que o musicoterapeuta não só manipula a música propriamente dita como também sons, ruídos e movimentos.

Aliar a música à terapia, responder sobre a eficácia da música e sua transmissão, requer estudo, pesquisa, trabalho e muita dedicação. Para uma boa comunicação terapeuta/clientela, faz-se necessário formação como "pessoa".

Dominar com competência essas necessidades para o fortalecimento da tônica da identidade, é tarefa extremamente abrangente. Por isso, aspiramos por uma linguagem, por uma língua própria da Musicoterapia, como linha norteadora.

Segundo CHARLES S. PEIRCE (1995: 39-40), é indispensável um acordo geral acerca de termos e notações – um acordo entre a maioria dos co-operadores a respeito da maioria dos símbolos, que não seja demasiado rígido mas que, no entanto, prevaleça, e isto num garu tal que haja um pequeno número de diferentes sistemas de expressão que têm de ser dominados”.

Para que haja unidade, não podemos nos determinar sozinhos. Precisamos uns dos outros. Necessitamos desses encontros, de grupos de estudo, onde trocas possam ser efetuadas, onde limites pessoais possam ser reconhecidos, como também nossa abrangência pessoal.

Assim, aprenderemos a nos respeitar, a nos aceitarmos como pessoas e colegas e, nos fortalecermos mutuamente.

Já nos habituamos buscar em outras disciplinas definições a nós necessárias. Para não perder o hábito, trouxemos para nossa reflexão, esta definição de identidade, que vem da Biodança, através de Toro:

Identidade: “Capacidade de experimentar-se a si mesmo como centro de percepção do mundo”.

A noção de identidade é complexa por sua estrutura dialética. Ser idêntico a si mesmo tempo completa conexão com o Outro e com a Totalidade, é paradoxal.

Reforçar a individualidade nos chamando a analisarmos em que “tonalidade” situa-se a nossa “tônica” de identidade.

Através do professor Gastão da luz, recebemos o quadro que segue, onde podemos visualizar nosso cérebro em que seus quatro segmentos, permitindo nossa compreensão sobre as características individuais:

TECNOLOGIA HERMANN DE DOMINÂNCIA CEREBRAL E A ADMINISTRAÇÃO DA DIVERSIDADE

A (ser racional)	D (ser experimental)
ANALISA	ADIVINHA
QUANTIFICA	SUPÕE
É LÓGICO	IMAGINA
É REALISTA	ESPECULA
GOSTA DE NÚMEROS	CORRE RISCOS
CONHECE SOBRE	É IMPETUOSO
DINHEIRO	QUEBRA REGRAS
CONHECE ENGRENAGENS	É CURIOSO/ BRINCA
B (ser cuidadoso)	C (ser sentimento)
PREVINE-SE	É SENSÍVEL AOS OUTROS
PROJETA-SE	GOSTA DE ENSINAR
REALIZA	TOCA NAS PESSOAS
É CONFIÁVEL	APOIA AS PESSOAS
ORGANIZA	É EXPRESSIVO
CAPRICHA	FALA MUITO
É PONTUAL	SENTE
ESTABELECE NORMAS	É EMOCIONAL

O musicoterapeuta racional, mede intervalos, qualifica séries harmônicas, pode ser o físico da música; o experimental, cria, improvisa, permite o eclodir da imaginação e extrapolação das regras; o cuidadoso, estabelece sessões dirigidas, tende à musicoterapia passiva/receptiva, a qual domina com habilidade; o ser sentimento é aquele que apóia ensinando, expressando-se conforme a emoção o for arrebatando...

Temos ainda uma formação musical onde prevalece um instrumento de expressão. Quando quebramos esta dominância natural, nos tornamos artificiais, fracos, arremedos de profissionais.

Faça claro para nós, que nosso cérebro é um só e que diante desses limites, há trocas e comunicações entre os hemisférios.

Sintamos a nossa dominância para que ela se expresse fortificando a "tônica da nossa identidade".

Desde que assisti uma palestra do Dr. Paulo de Tarso Monte Serrat, onde ele lançava três itens como regra básica para uma boa educação na área da sexualidade, pedimos licença a ele para adotarmos como base filosófica para a nossa vida, a trilogia apresentada:

- Verdade
- Simplicidade
- Moralidade (Ética)

Com verdade para conosco mesmos e para com os outros, com simplicidade sem ignorância, com respeito à moral de direito e a moral de valores éticos, certamente fortificaremos a música como tônica da nossa identidade e profissional.

Referências Bibliográficas

BENENZON, R. *Teoria da Musicoterapia*, Roland Benenzon; [tradução de Ana Sheila M.

Uricoechea] São Paulo: Summus, 1998.

PADÍLIA, M. *Escritos sobre Música, Musicoterapia y Educação*, Mônica Papallá; Ed. Jaxco,

Buenos Aires, Argentina, 1996.

PAULUS, J. *A função simbólica e a linguagem*, Jean Paulus; [tradução de Glória Maria Fialho

Pondé, revisão de Lígia Vassalo] Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca; São Paulo, Ed. Da

Universidade de São Paulo, 1975.

PIERCE, C. S. *Semiótica*, Charles S. Peirce; [tradução: José Teixeira Coelho Neto revisão de

Texto: J. Grëensburg] Ed. Perspectiva S. 2 edição, São Paulo, 1995.

RUUD, E. *Caminhos da Musicoterapia*, Even Ruud; [tradução de Vera Wrobel] São Paulo,

Ed. Summus, 1990

ÉTICA E IDENTIDADE PROFISSIONAL

MT. Jônia Maria Dozza Messagi

Se uma profissão existe, é para atender certas finalidades humanas. Para isso é necessário que ela tenha uma identidade. O que é Ter uma identidade? É Ter algo que a caracterize, é Ter uma especificidade com o isso apropriado de recursos e de poderes específicos, que serão exercitados e colocados em prática pelo trabalho. O exercício de uma profissão requer um comportamento ético. O que é comportamento ético? É o respeito ao cliente, por meio da idoneidade teórico/ técnica e dos valores morais. Ou seja, no desenvolvimento do trabalho, o profissional leva o seu posicionamento moral, os seus juízos de valor, seus critérios a respeito do bem e do mal, suas crenças e seus preceitos, sua visão de homem e de mundo e os conhecimentos específicos da área que é o seu comportamento teórico/técnico e metodológico.

Este comportamento teórico/técnico e metodológico, a princípio, advém de uma formação acadêmica, pois acredita-se que o conteúdo do currículo de um curso, permite que o futuro profissional possa exercer sua profissão, garantindo um trabalho competente com o cliente.

Mas como nenhum currículo sozinho é suficiente para a construção do conhecimento, é necessário ir em busca do aperfeiçoamento constante, por meio da pesquisa, da leitura e também da participação de eventos como estes.

A somatória dos posicionamentos morais e dos conhecimentos teórico/técnicos levam o profissional a Ter princípios norteadores para uma ação com o cliente, e na prática clínica, é isto que dá o sentido ético que o

profissional deve Ter. Deve –se respeitar o cliente, clarificando a forma de trabalhar, observando itens básicos, que norteiam a prática profissional, que honram um exercício digno dos conhecimentos científicos, tendo uma proposta de relação de ajuda com objetivos que beneficiem o crescimento individual, grupal e social.

Em função disso, procura-se aqui, refletir sobre alguns itens, que acredite-se sejam norteadores de uma prática clínica:

1. **O caráter empregatício (o local):** a Musicoterapia pode acontecer em qualquer local ou conforme o local ele pode descaracterizar a prática musicoterápica? Deve-se Ter consciência de que para a prática da Musicoterapia o espaço corresponda aos ideais de um atendimento musicoterápico. O espaço deve resguardar todas as condições técnicas fundamentais possibilitando intervenções com êxito satisfatório, devendo propiciar, ao profissional, possibilidades de bem produzir o seu trabalho.

2. **As relações com outras áreas da saúde mental (as fronteiras de atendimento, as limitações e as relações intrínsecas dessa profissão, com as áreas complementares, que deverão servir como alimento para a Musicoterapia. Não se deve sair do princípio original).**

Este é um item importante que deve ser pensado _ as fronteiras da Musicoterapia. É por meio da percepção dessas fronteiras, das possibilidades ou dos limites, que se clarificará inclusive, se o musicoterapeuta poderá ser o único terapeuta para o caso ou se é preciso outras terapia complementares. Quando se fala do exercício profissional musicoterápico, deve-se estar ciente das relações com outras áreas da saúde e que existem as limitações entre um campo e outro que deverão

servir como alimento para a Musicoterapia. Isto significa que quando for preciso chamar alguém de outra área para enriquecer ou facilitar o exercício profissional, estar-se-á tendo um comportamento ético e

isto deve estar presente no cotidiano do musicoterapeuta.

3. **O processo musicoterápico** – Pela crença de que este é um dos pontos importantes que caracterizam a identidade profissional do musicoterapeuta, deve-se refletir sobre um ponto específico – o levantamento diagnóstico. Mas o que vem a ser isto? Levantamento diagnóstico é o conjunto de dados que se desenvolve em um processo que permite conhecer, entender e perceber o indivíduo que vai em busca de ajuda.

Para a Musicoterapia o levantamento diagnóstico deverá vir da leitura que o profissional faz sobre escolhas, manifestações rítmico-sonoro-musical e instrumental que os clientes fazem e o que isso pode revelar. A partir dessa leitura, pode-se traçar um caminho para o indivíduo que procurou ajuda.

Isso porque o diagnóstico da Musicoterapia é feito por meio do levantamento e coleta de dados da personalidade musical. É em busca da personalidade musical que o musicoterapeuta consolida seu trabalho. Sendo assim, o levantamento diagnóstico caracteriza-se como uma ferramenta que permite ler e entender a personalidade e as necessidades do indivíduo que busca tratamento musicoterápico.

Quer dizer, acredita-se que o estabelecimento de diagnóstico, pode caracterizar e fortificar a identidade da Musicoterapia que tem em volta disso. Para que isso aconteça, é necessário garantir a epistemologia da música e da Musicoterapia, pois as bases histórico-musicais perfazem o

estatuto epistemológico da Musicoterapia. É necessário então, que o profissional tenha conhecimentos musicais firmes e estruturados e que possa pesquisar, fortificar e estabelecer as formas de verificação da avaliação diagnóstica por meio do conhecimento musical, que serão garantidas por um procedimento metodológico, que inclui toda pesquisa sonoro-musical, a testificação musical, enfim, tudo o que deve ser lido no indivíduo.

Obviamente todo esse conhecimento musical deve estar associado aos pressupostos teóricos de outras áreas do conhecimento, como a Filosofia e a Psicologia, que enriquecem e complementam a leitura do ser, no *setting* musicoterápico. Deve-se garantir a leitura do indivíduo pelo musical e o instrumento diagnóstico deve estar para isso. Assim, a Musicoterapia se firmará como área do conhecimento.

Acredita-se então, que ética e identidade na prática clínica se interligam pelos princípios morais, teórico/técnico e metodológicos, não perdendo de vista os pontos norteadores antes expostos, como a preocupação com o local do trabalho, a importância de estar atento às possibilidades e limites da ação musicoterápica, fortalecida por meio de um instrumental diagnóstico que possibilitam trilhar um caminho claro, preciso e de respeito ao indivíduo.

O PAPEL PROFISSIONAL DO MUSICOTERAPEUTA FRENTE AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

Psic: Cristiane Denardi

Este artigo baseia-se em parte do corpo teórico da monografia apresentada ao curso de pós-graduação em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela PUC-PR em 1998 sobre as transformações ocorridas no mundo do trabalho e de seu significado sócio-cultural. As mudanças paradigmáticas que estão em andamento, como a Revolução da Informação, os Avanços Tecnológicos, a Globalização da Economia e a Crescente Exigência de Qualidade, fazem emergir a construção de um novo profissional. O artigo possui o objetivo de promover a reflexão sobre o papel do musicoterapeuta frente a estas transformações, e se possível, contribuir na formação de sua identidade profissional.

Palavras-chaves: trabalho, musicoterapia e mudanças paradigmáticas.

Transformações no mundo do trabalho

“Se ocupe na ação das mãos e na contemplação do intelecto de tal maneira que não contempla sem ação e não obra sem contemplação”.

(Giordano Bruno, 1584).

Hoje o mundo do trabalho traz novas e desafiadoras demandas para as pessoas e organizações. Com as mudanças que estão em andamento, como a Revolução da Informação, os Avanços Tecnológicos, a Globalização da Economia e a Crescente Exigência de Qualidade, fazem emergir a construção de um novo profissional.

Vivemos um momento onde o cotidiano é incerto e inseguro, instável em todos os aspectos, em plena crise de valores e com uma educação ineficaz, que não possibilita esperança num futuro melhor. É preciso repensar a vida e as relações de trabalho.

O trabalho é parte integrante da vida e ocupa uma parcela significativa de tempo. Acredita-se que seja a base da existência social do homem, uma vez que contribui para a isenção do mesmo a um grupo social, proporcionando-lhe sentimento de pertencer, contribuir e significar a si e ao meio.

O trabalho é uma atividade coordenada de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento, ou seja, é a aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar uma determinada finalidade.

A natureza do trabalho tem sofrido alterações constantes ao longo da história do homem. Nas sociedades agrícolas o trabalho era a própria sobrevivência, árduo e comunitário. Com o surgimento do conceito de propriedade recebeu uma conotação de castigo e foi associado ao trabalho escravo e servil. Posteriormente, com a escrita e Direito Contratual, surgiu o trabalho assalariado, o qual foi chamado de emprego. Na sociedade industrial, o trabalho foi associado a produção e consumo, e o homem caracterizado com a força de trabalho na organização. A relação de dependência, paralelamente à escassez de conhecimentos entre empregadores e empregados, e as disputas entre capital e trabalho, culminando em movimentos de reação e conseqüentemente, novas buscas. Na emergente sociedade surgem outras variáveis que pretendem resgatar o valor e o potencial humano onde o trabalho passa a ser visto

como força criadora de valores, expressando o ser e o seu significado social. Entretanto vivemos valores que encorajam metas perigosas e não éticas, encorajando aquisições materiais, competições e obsessões por tecnologias e ciências.

Ainda hoje, há dois tipos essenciais de trabalho: o trabalho que não dá prazer e o que é natural e agradável, sendo que as expectativas individuais e situações específicas de vida determinam a percepção e escolha de trabalho.

Apesar de ser utilizado freqüentemente como sinônimo de trabalho, e de fato corresponder em determinadas situações, o emprego tem um significado mais restrito. A palavra corresponde a colocação, também associado ao significado de “fazer uso de , servir-se de, aproveitar, lançar mão, gastar, depender e aplicar”. A relação de emprego existe a aproximadamente 200 anos, constituindo-se nos dias atuais num dos focos prioritários de preocupação de jovens e adultos inseridos ou não no mercado de trabalho, pela dificuldade deste de manter os empregos e também pelo aumento da competitividade. Em decorrência das transformações econômico-sociais atuais, o emprego tem sofrido profundas alterações tanto de qualidade como de quantidade, com tendências ao retorno na ênfase do próprio trabalho, mais do que a relação de emprego.

Para dar conta destas questões precisamos re-significar o trabalho, é a conclusão dos estudiosos. “Trabalho é mais do que emprego, é o ato de atribuir significado ao meio, portanto a nós mesmos e ao outro”, diz Wanderley CODO (1995), psicólogo de destaque nos estudos sobre trabalho. ANGERS (1998) afirma: “O que fornece significado ao trabalho é o depósito pelo qual ele é executado”. O propósito (porque , finalidade e

valor) também diferencia trabalho de uma simples atividade e é individual, intransferível e específico de cada ser humano, portanto, deve satisfazê-lo e corresponder a aquilo que ele acredita ser.

De acordo com BONSUCESSO (1997), ao atribuir valor ao seu fazer profissional o ser humano considera: opção pessoal e escolha profissional, esforço físico e intelectual, monotonia ou variação-relação entre o que faz e o todo, possibilidade de criação e auto-realização, status na organização e sociedade e nível de remuneração.

Ser alguém está intimamente associado a fazer algo. A razão pela qual executamos algo está vinculada a quem somos e como estamos no mundo: como nos sentimos a respeito a respeito de nós mesmos e de que forma aquilo que fazemos impacto no mundo. A ação com significado possibilita o respeito para consigo mesmo e para com o outro, e sentimos: esperança, dignidade, reciprocidade e novas perspectivas.

O papel do musicoterapeuta

A musicoterapia apresenta aspectos estruturais e funcionais distintos e complementares. Segundo BENENZON (1985), “a musicoterapia é uma especialização científica que se ocupa do estudo e da investigação do complexo som-ser humano, seja o som musical ou não, tendente a buscar os elementos diagnósticos e os métodos terapêuticos do mesmo”. Adiante também afirma: “a musicoterapia é uma disciplina paramédica que utiliza o som, a música e o movimento para produzir efeitos regressivos e abrir os canais de comunicação, com o objetivo de compreender através deles processo de treinamento e recuperação do paciente para a sociedade”.

Os aspectos científicos e terapêuticos da musicoterapia possibilitam o re-equilíbrio e a re-integração do homem, bem como a inserção social do próprio profissional da musicoterapia.

O musicoterapeuta utiliza a música (som e silêncio estruturados ou não) como recurso mobilizador ou facilitador para compreender e trabalhar o homem de acordo com o seu momento e atual necessidade. Para ele, o homem é um relacionável, capaz de expressar-se e comunicável, pensar e sentir, questionar e decidir, empreender e transformar. Esta é a essência da sua prática e identidade profissional.

Quando o homem supera suas limitações, desenvolve e aplica suas potencialidades, percebe a si, ao outro e ao mundo melhorando seus relacionamentos e detém novas formas de comportamento e significação a partir de experiências e produções individuais e coletivas, vislumbra-se a ética profissional do musicoterapeuta. Esta revela-se no respeito e valorização do ser humano. É baseada na crença de que é possível promover o desenvolvimento pessoal e social deste ser humano, que o musicoterapeuta propicia o resgate do indivíduo, inferindo-o socialmente.

Esta atitude demanda uma formação social com sólido conhecimento técnico, articulação com outras áreas de conhecimento, produção e aplicação de informações científicas, intensificação de pesquisas para a obtenção de respaldo científico que permita a regulamentação da profissão, qualidade nas orientações técnicas e acesso a diferentes tipos de prática da profissional e em diferentes contextos sociais, tais como: escolas regulares e especiais, centros de saúde, organizações, indústrias, programas de qualidade de vida no trabalho entre outros.

Isto só é possível através de uma educação eficaz. Uma educação eficaz, que atinja um grande número de pessoas e que também desenvolva-as, é capaz de propiciar ao ser humano o pensar e discutir, o decidir e agir, vivendo e relacionando-se melhor consigo, os outros e o mundo.

Penso que a musicoterapia enquanto ciência e profissão, possibilita este trabalho educativo e terapêutico (prevenção e cura), necessidade de um mundo em acelerado processo de transformação.

Referências Bibliográficas

1. Apontamentos de diversos cursos e estudos em musicoterapia realizados pela autora.
2. ANGERS, Marc. Work and meaning. Internet: ICCD Webmasters Team, 1998.
3. BENENZON, R Manual de Musicoterapia, Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
4. BONSUCESSO, Edina de Paula. Trabalho e qualidade de vida. Rio de Janeiro: Qualitymark/ Dunya, 1997.
5. CAVALLET, S. R. R., Denardi, C, Dircken, E. C. e HARO, M.E.N. Pessoas e organizações: uma parceria para o crescimento. Curitiba: PUC-PR, 1998.
5. CAVALLET, S.R.R. e DENARDI, C. Trabalho
6. e emprego no mundo atual. Curitiba, 1999.

DO ALUNO AO PROFISSIONAL "A COMPOSIÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA"

Alunas de Musicoterapia : Alyne Alessandra Mizutani

Patrícia Wazlawick

Este trabalho surgiu em decorrência da percepção de uma transformação que começou a se estruturar em nós, enquanto alunas estagiária de musicoterapia, tendo agora um contato direto e ativo com o cliente numa sessão de Musicoterapia e todas as responsabilidades que isso implica.

Percebemos que ocorre como fato de uma mudança do primeiro ao terceiro ano. Por que isso ocorre? O que desperta no aluno para tais mudanças?

Consideramos três hipóteses:

- 1- O desenvolvimento de uma maturidade pessoal, baseada em reflexões e estudos (aprofundamento – contato com o mundo da musicoterapia).
- 2- A visão da importância do outro, enquanto ser humano, que é adquirida em grande parte pelo relacionamento na turma, considerando as diferenças de ser de cada um, e percebendo o outro, no social como complementar do eu.
- 3- A consciência e compromisso do futuro e presente papel do musicoterapeuta, enquanto estagiário e breve profissional, também engajado e comprometido na sua profissão e ética da mesma.

No primeiro ano, recém vindas do 2 grau para a Universidade, sentfamo-nos "perdidas", pois era um meio novo para nós. Tinha-mos muitas inquietações, desconfortos e dúvidas do que vinha a ser a musicoterapia, bem como uma imaturidade presente.

BASTOS E KELLER (1997) em um estudo realizado com alunos que ingressam no 3 grau, constataram os seguintes pontos:

_ **Imaturidade Cultural:** Devido à estrutura do ensino de segundo grau, reduzindo e simplificando os conteúdos, apenas para a aprovação do vestibular, em detrimento dos conhecimentos gerais necessários à vida. "Como consequência, ocorre o rebaixamento do nível cultural, a grande ausência do hábito de leitura, o pouco ou nenhum crédito dado às pesquisas em sala de aula, caracterizando uma dependência cultural". (p.16)

_ **Imaturidade Psicológica:** "A mentalidade com que muitos alunos alcançam o terceiro grau, é a mesma em que iniciaram o segundo grau. Muitos alunos prestam vestibular por insistência de familiares ou amigos, mas não possuem certeza de que o curso escolhido responderá à suas aspirações pessoais e profissionais. Donde, a insegurança e a irresponsabilidade às suas atitudes.

Talvez esteja aí a explicação para tantas desistências e trancamentos de matrículas". (p. 16) .

Em consequência, percebe-se um desrespeito e falta de consideração para com o professor, e uma preocupação com a nota e freqüência nas disciplinas.

_ **Imaturidade Lógica:** "Uma primeira impressão que se tem é que alguns alunos passaram diretamente do 1 grau para o 3 grau., tão

gritante e infantis são os erros cometidos. Falta seqüência lógica de raciocínio quando se coloca por escrito o que se pensou. O que em um parágrafo é afirmado, no seguinte é negado; erros gramaticais e ortográficos, grosseiros e elementares.

Conforme se pode verificar, de modo geral, os alunos chegam no 3 grau muito despreparados". (p. 17).

Ainda segundo os autores, o "papel da Universidade, de gerar conhecimento científico e preparar profissionais de nível universitário, passa a ser conscientizar o aluno, o que só ocorre no final do curso, quando já se peneirou e afunilou, e muitos alunos passam a reconhecer a importância de conteúdos estudados nos primeiros semestres de seu curso".

Mesmo com essa realidade, o aluno do 1 grau começa a ir em busca de uma clarificação, um melhor entendimento a respeito do curso que escolheu, em nosso caso, a musicoterapia. É nesse momento, que a mudança começa a se estruturar.

Através da análise dos dados coletados nos depoimentos de 70% dos alunos do 1 ano (1999), percebe-se que existem várias dúvidas a respeito do que a musicoterapia faz realmente, bem como os seus benefícios. Paralelo a uma confusão em relação à profissão e o mercado de trabalho, caracterizando mais dúvidas.

Demonstrou-se também que há a falta de clareza e compreensão do aluno em relação às disciplinas. Em contrapartida, há o desejo de que o 1 ano esclareça as dúvidas pré-existentes sobre a musicoterapia, e que traga maior informação e embasamento.

Mesmo em meio a tantas dúvidas, notou-se uma satisfação no curso, ilustrada pela superação das expectativas, do otimismo presente, da

curiosidade sobre a fundamentação, métodos e da musicoterapia enquanto ciência, ligada a área humana e musical.

Segundo depoimentos, inicia-se "a busca de uma visão diferente da música no sentido de torná-la útil para a saúde física e psíquica do homem".

Dos 100% dos alunos entrevistados (1 ano):

28,5% apresentam conhecimento prévio sobre musicoterapia.

46,5% apresentam conhecimento vago sobre musicoterapia. No segundo ano, o aluno busca resolver as questões oriundas do primeiro ano, que ainda lhe acompanham.

Existe aqui uma ansiedade de Ter algo palpável, o aluno quer Ter certeza, quer a confirmação do que lhe foi apresentado anteriormente, necessita de uma garantia. É a fase dos por quês, dos julgamentos a respeito da prática da musicoterapia, muitas vezes sem a base e fundamentação, e principalmente sem uma compreensão, uma visão maior da mesma.

É um ano onde se estuda muito sobre as patologias, um conhecimento indispensável para os campos de atuação, que paralelamente já prepara o aluno para o estágio de observação.

O estágio de observação é o primeiro contato com a prática clínica da musicoterapia. Mesmo como observador, o aluno estará ampliando e formando sua visão crítica, a respeito do que acontece no *setting* musicoterápico, envolvendo terapeuta e cliente e a utilização da música.

É através do estágio de observação, que o aluno irá escolher comprometidamente a área de estágio de terceiro ano, discriminando

dentre os exemplos observados, o que ele quer, bem como o que não quer na sua profissão.

Os 75,8% dos alunos entrevistados do 2º ano, afirmam que este ano vêm esclarecer as dúvidas no ano anterior, a fim de responder as questões confusas e proporcionar o conhecimento da musicoterapia.

Junto disso, os alunos concordam que há um amadurecimento pessoal e uma busca de uma complementação dos estudos fora do ambiente da sala de aula. Existe segundo depoimento “uma substancial maturação das idéias formadas no 1º ano”, contribuindo para a solidificação de um conceito próprio a respeito da musicoterapia enquanto profissional e ciência.

Isso ocorre em parte, devido a um maior direcionamento das disciplinas à terapia, cliente e música, envolvendo as diferentes áreas de atuação, onde o aluno poderá experienciar através do estágio de observação.

Estágio este que colocará em contato com a prática da musicoterapia, onde trabalhará questões de medo, insegurança e também competência.

Além disso, este estágio permitirá conhecer diretamente a clientela, observando suas reações e demandas.

Os alunos do 2º ano esperam que o estágio conduza-os a conclusões sobre a prática da musicoterapia, pois necessitam aprender a lidar com o cliente e estruturar uma sessão, a fim de perceber quais mudanças possam surgir no cliente.

O aluno de 3º ano já inicia com o compromisso de estagiar numa instituição, onde estará atuando junto de uma clientela. Nesta prática, ele

deverá ter responsabilidades, domínio do agir e certeza do que está fazendo, mesmo que cometa erros. Isto vem acompanhado da sensação de ser observado, do medo da crítica, de saber lidar com suas limitações e frustrações, onde depara-se com a questão de que “o terapeuta não é onipotente, não é o salvador”, segundo MOORE (1993).

Este estágio requer do aluno, algumas qualidades que estarão contribuindo para a formação do terapeuta. Segundo MESSAGI (assunto visto em aula), são: “a visão de homem e de mundo, baseadas na filosofia, as teorias da psicologia, bem como as teorias da música e técnicas da musicoterapia, que vão fundamentando a prática musicoterápica”.

Neste estágio, experiência que o aluno está sentindo e vivendo, ele colocará em prática os seus conhecimentos teóricos vistos até agora e sua formação musical.

No terceiro ano 72% dos alunos foram entrevistados a respeito de seu estágio prático.

Constatou-se que este estágio está contribuindo para desenvolver o musicoterapeuta, em cada um, onde desejam apreender o máximo possível com essa experiência para o amadurecimento profissional.

O estágio de terceiro ano é o momento onde aplica-se os conhecimentos teóricos na prática, experimentando técnicas e compreendendo esta prática no contato com os clientes. Nele, o estagiário aprende a lidar com o cliente, percebendo-o no processo a sua evolução e realizando a leitura do mesmo.

Várias angustias estão presentes no estágio, porém, segundo depoimento, “a angústia é o começo, algo novo que é a prática clínica”.

Vindo acompanhada com um querer resultados imediatos, êxitos, atingir objetivos e o saber lidar com os próprios sentimentos que emergem decorrentes desta situação.

Pelo estagiário já estar exercitando o seu papel de terapeuta no terceiro ano, a ética profissional se faz presente, sendo indispensável. Tendo em vista que estabelece uma relação com um ser humano, é necessário que tenha definido princípios da visão de homem e de mundo, com a finalidade de cooperar para um desenvolvimento positivo e saudável do cliente.

Outro aspecto relevante no estágio de terceiro ano é a importância da supervisão. Vemos o supervisor como o grande filósofo SÓCRATES, refletido por GAARDER (1996):

“... o ponto central de toda atuação de Sócrates como filósofo estava no fato de que ele não queria propriamente ensinar as pessoas. Para tanto, em suas conversas, Sócrates dava a impressão de ele mesmo querer aprender com seu interlocutor. Ao “ensinar”, ele não assumia a posição de um professor tradicional. Ao contrário, ele dialogava, discutia (...). Geralmente, no começo de uma conversa, freqüentemente conseguia levar seu interlocutor a ver os pontos fracos de suas próprias reflexões. Uma vez pressionado contra a parede, o interlocutor acabava reconhecendo o que estava certo e que estava errado”.

Acreditamos ser o supervisor um questionador, que nos dá apoio e aponta-nos “como”, para que está sendo a prática no estágio, sobre as reações vindas dos clientes, sobre suas necessidades, enfim, como estamos desenvolvendo e assumindo o papel de terapeutas.

Segundo VOLPI, “supervisor de musicoterapia tem como função um olhar ampliado sobre os processos musicoterápicos, desenvolvido por um estagiário de musicoterapia e a partir deste olhar (ouvir), discute-se a inter-relação entre os elementos envolvidos no *setting* : musicoterapeuta, música e cliente”.

MEZZADRI salienta que “o supervisor deve ser qualificado e conhecer a área a ser supervisionada”. ALBACH complementa que o “supervisor deve agir de modo a não impor sua identidade profissional na formação de seu supervisando”.

Para CUNHA, “ser supervisor é ampliar a dimensão do olhar e da percepção didática e terapêutica, procurando orientar o processo de crescimento do aluno na relação terapêutica que se inicia frágil, cheio de dúvidas, com os olhos no depois, quando o estagiário, menos ansioso, percebe as manifestações e demandas do cliente, sentindo-se capaz de acompanhá-lo no processo terapêutico. Cada análise vislumbra o entendimento pelo supervisando, da sua atuação, mostrando caminhos, contribuindo para que o supervisando, da sua atuação, mostrando caminhos, contribuindo para que o supervisando construa sua maneira própria e única de ser musicoterapeuta”.

A partir daqui, ou seja, estando então no quarto ano, o aluno inicia uma nova fase na composição do musicoterapeuta, a de profissional. Nesta etapa ele estará atuando sozinho, com a supervisão indireta; e logo em seguida estará no mercado de trabalho.

De acordo com um depoimento de quartoanista, “No 4 ano o aluno se vê atolado de deveres, como a monografia, o estágio, as aulas e muitas vezes o trabalho, além de relatórios e supervisão.

É muito difícil ver um quartanista na Faculdade, muito menos de conversar com o mesmo, pois ele sempre está com pressa.

Mas apesar de tudo isto, é muito bom olhar para o seu cliente e ver o resultado de trabalho, o resultado da musicoterapia, o que ela proporciona ao ser humano”.

Este trabalho baseou-se numa pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo informal, para consolidar ou não este nosso – questionamento, e perceber como se dá o processo de transformação no aluno do curso de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná.

Para isto entrevistamos 64,8% dos alunos de 1º a 4º ano e professores supervisores com as seguintes perguntas:

1º ano:

- 1- Antes de entrar na Faculdade, você sabia o que era musicoterapia?
- 2- De que forma se deu a sua escolha?
- 3- Como você conceitua suas expectativas em relação ao curso?

2º ano:

- 1- Que mudanças você percebeu do 2º ano em relação ao 1º ano?
- 2- Quais as suas expectativas e angústias para o estágio de observação?

3º ano:

- 1- Em que o estágio está contribuindo para sua formação de terapeuta?
- 2- Quais suas expectativas e angústias neste estágio?

4º ano:

- 1- Que evolução você sentiu do 1º ao 4º ano, vendo-se agora como um profissional musicoterapeuta?

Supervisores:

1- Qual o papel do supervisor?

Através da análise dos dados que as entrevistas não oferecem, podemos confirmar que está acontecendo com os alunos uma evolução dentro de nossas hipóteses e aspectos descritos, do 1º ao 3º ano, que vem, demonstrada pelo amadurecimento pessoal e acadêmico refletindo-se na sua atuação nos estágios.

Salientamos no entanto, que estas mudanças percebidas na faculdade são os primeiros passos para a “Composição do Musicoterapeuta”, que vai muito além deste período de tempo, ou seja, ele é composto por muitos “encadeamentos, fraseados e movimentos em busca do sucesso para a sua composição, estando ainda muito longe do travessão final...”.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. Aprendendo a Aprender- Introdução à Metodologia Científica. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Gaarder, Jostein. O mundo de Sofia. 14ª ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

MOORE, Thomas. Cuide de sua Alma. São Paulo: Siiliano, 1993.